

A GRUTA DO SORVETÃO

E A INSÔNIA

ROBERTO BRANDI

GRUPO BAMBUÍ DE PESQUISAS ESPELEOLÓGICAS

J á é noite. Meu corpo está cansado e um pouco dolorido, mas acho que é a idade. Não creio, simplesmente foi um dia cheio de aventuras. Mesmo assim não consigo dormir, faz calor e invejo o sono profundo de meus amigos, alguns até roncam. Ao meu lado, percebo que Urandi se sente incomodado com o calor. Sob a tela que me protege procuro encontrar alguma fresta pela qual os mosquitos poderiam entrar. Tudo ok. Os minutos passam, talvez já tenham ultrapassado as horas, enfim me rendo à insônia, ligo minha lanterna e começo a escrever-te. Você deve estar se perguntando se eu não estou ficando maluco, mas não, tudo está bem, apenas estou com saudades. As noites de insônia são as melhores horas para a reflexão. Meu corpo clama por descanso, mas meu coração mantém minha mente ocupada, nela meus pensamentos se voltam para você e as crianças. Que saudade! Para enganar meu coração, resolvi lhe escrever e contar-lhe sobre os dias que passei com meus amigos na Serra do Ramalho.

Como, havia lhe dito, estava muito curioso em conhecer o povoado de Descoberto, que é uma pequena vila, típica da caatinga. Tenho certeza de que você iria gostar muito. Só existe um telefone público e as filas são desanimadoras,

as crianças do vilarejo, têm aquele sorriso imaculado que somente a inocência da infância é capaz de promover, a simplicidade do povo e a rudeza da terra e clima estão nos rostos destas pessoas que nos olham com curiosidade. Parece tudo tão puro, tão belo. Com certeza é meu estado de espírito que estará camuflando, aos meus olhos, a realidade pobre deste pequeno vilarejo. Talvez deveria me perguntar porque, mesmo após longos anos e inúmeras expedições nessas regiões, ainda me emociono como um novato de primeira viagem. Bem, na verdade não sei ao certo, mas acho que são os rostos das crianças, não há como não comparar a vida de nossos filhos com as destes sorridentes baianinhos. Assim mesmo, com tamanhos contrastes, posso ver em seus olhos o mesmo brilho dos olhos de nossos filhos, que saudade.

Mas como dizia, fomos à caverna: a Gruta do Sorvetão. Não olhe para mim, o nome foi idéia do Flávio. O Sorvetão, por assim dizer, é uma enorme estalagmite, com quase 30 m, que se projeta no meio de um gigantesco salão. Este é totalmente iluminado por uma entrada tão espetacular quanto todo o conjunto em si, um espetáculo e tanto; você não vai acreditar! É tão bonito, que o Ezio, conseguiu parar por quase 2 minutos para apreciar a beleza; inacreditável! O salão era

grande, daqueles que a gente nunca sabe se vai topografar contornado as paredes ou fazer radiais. Bem, como eu era o bússola e o Adrian era o ponta de trena, não hesitei em insistir na radiação, afinal o Adrian estava mesmo precisando de um exercício. Após uma longa espera pelos inúmeros deslocamentos do ponta de trena, a moleza acabou para mim. O salão projetava seu desenvolvimento para uma galeria que ficava alguns bons metros abaixo. Ainda iluminada pela luz da entrada, podia-se ver, nitidamente (infelizmente), que o piso da galeria era totalmente coberto por um espelho d'água, digamos assim, um pouco podre, mal cheiroso, lamacento e com alguns pequenos corpos não identificados em decomposição. Fora isto, posso lhe afirmar que eu teria bebido daquela água sem o menor problema. Não preciso nem mencionar que o Flávio, o Adrian e eu teríamos ido embora naquele instante, afinal de contas a galeria não prometia muita coisa mesmo! Mas, como sempre, o careca, digo o sargento, correção, o Ezio pulou na água ou melhor, naquela solução aquosa e, apesar da nossa inútil torcida contra, a galeria continuava. Mesmo assim, teimosos, pedimos para o Ezio ir dar uma olhadinha, quem sabe não acabava logo ali e estaríamos salvos. Mas que nada, era chegada a hora dos bravos. E como frangas

assustadas e nojentas adentramos na solução aquosa. Arrgghh!!!

Como sempre o bom humor sobre eleva-se às dificuldades e, por que não dizer, a surpresa de ver que aquela galeria nojenta começava a ganhar charme e metros. Ela seguia em frente e, curiosamente, um forte e sonoro eco teimava em repetir nossas piadas e medições. Com uma largura média de 3 a 4 metros e uma altura variável de 3 a 6 metros, esta galeria, desprovida de espeleotemas, seguia com seu leito de lama profunda e líquido aquoso pela canela, cintura, peito, pescoço, glub glub.

Mais à frente, a galeria bifurcava. Porém as características das duas ramificações eram idênticas e únicas, o que aumentou nosso martírio, pois estávamos há um bom tempo andando com lama até quase os joelhos. Era um esforço enorme para andar. Num misto de eco e lama surgiu o nome da Galeria do

Ecolama. Apesar de tudo, estávamos nos divertindo muito e a irreverente e inusitada galeria nos presenteava com sua morfologia peculiar até que, enfim, no seu indesejado final encontramos a resposta do eco: um enorme e talvez único espeleotema bloqueava toda a galeria. Sem obstáculos as ondas sonoras viajavam pela galeria batendo no espeleotema e retornando à sua origem. Fantástico! Nunca havia visto algo igual. O mais incrível é que o mesmo fenômeno acontecia na outra galeria deixada para trás na bifurcação. Esta seguiu mais alguns metros tendo o seu final limitado por um sifão. Porém ainda não seria o fim da exploração. Avançamos uns 20 metros em uma passagem de onde ressurgia uma pequena drenagem. Porém, o bom senso nos fez regressar. A gruta era muito maior do que esperávamos, havíamos gasto muitas horas do que o previsto, nossos suprimentos de

carbureto tinham acabado e teríamos que seguir com nossas luzes de emergência, o que não era aconselhável.

Decidimos, sem delongas, sair rapidamente. Decisão catastrófica, pois, se andar na lama era ruim imagina correr. Não preciso nem dizer que além de nossas pernas, atolamos também a língua.

No final, por sorte, ainda conseguimos aquecer nossos corpos no sol da caatinga. Tivemos tempo para encontrar a turma que topografava o cânion externo e ainda fomos explorar outra gruta antes de anoitecer. Mas isso é outra história ... Eu conto quando chegar.

Obs. A Gruta do Sorvetão já havia sido parcialmente explorado pelo Joël Rodet (salão principal e galerias secas) que a nomeou como Gruta Nº 3 (O Carste vol. 9 nº 3). Posteriormente decidimos chamá-la de Gruta do Salão do Morro Furado (veja mapa na próxima página). 



Aspecto do Salão do Sorvetão (ao lado) e a "solução aquosa" que inunda toda a rede inferior da Gruta do Salão do Morro Furado (abaixo)
Fotos: Flávio Chaimowicz



La grotte du Sorvetão et l'insomnie

Roberto Brandi
Grupo Bambuí de
Pesquisas Espeleológicas

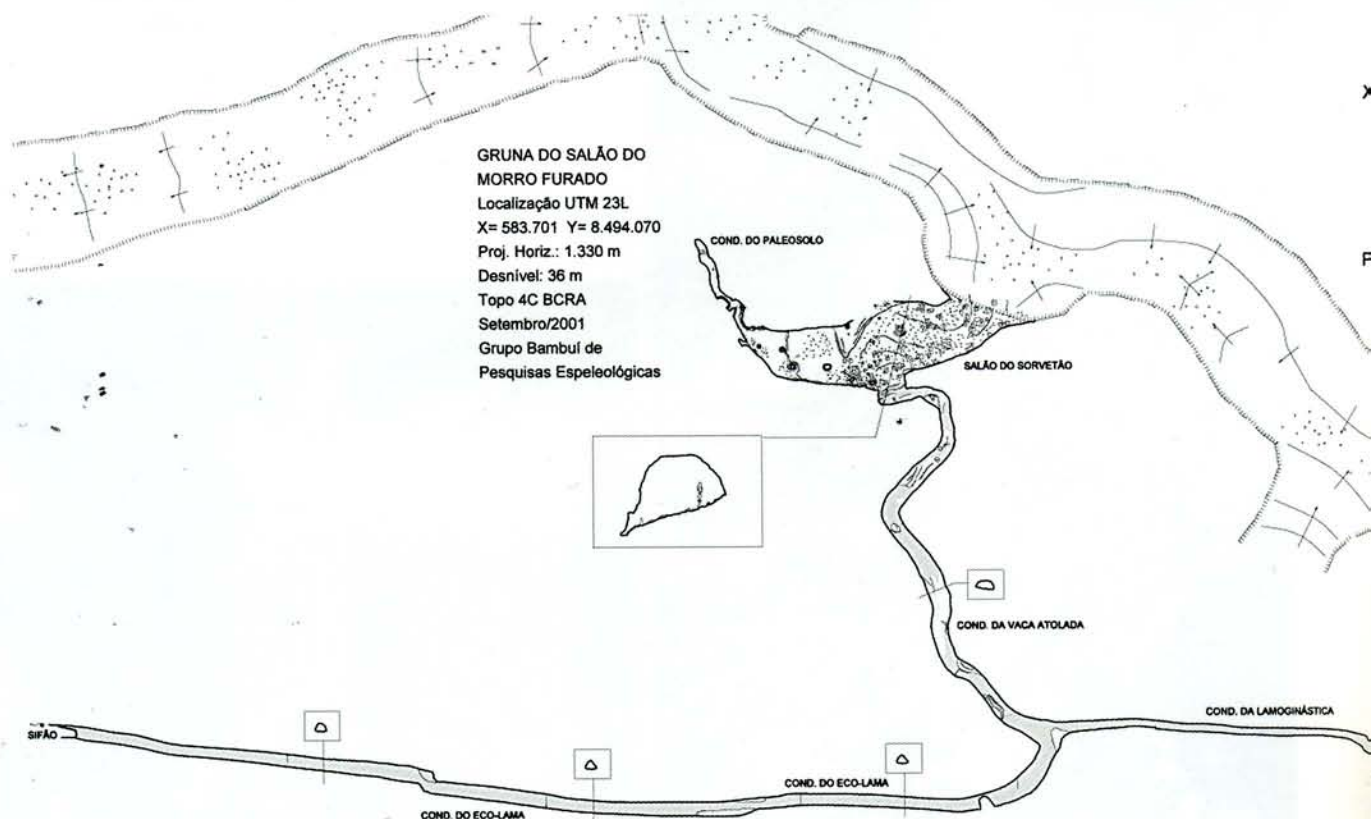
Il fait déjà nuit. Mon corps est fatigué et un peu cassé, mais je crois que c'est l'âge. Non, en fait je n'en suis pas certain, seulement la journée a été riche en aventures. Et même comme ça, je n'arrive pas à m'endormir, il fait chaud et j'envie le sommeil profond de mes amis dont certains même ronflent. A côté de moi, je me rends compte que la chaleur ambiante dérange Urandi aussi. Sous la toile qui me protège, je vérifie qu'il n'y ait bien aucune ouverture par laquelle les moustiques pourraient s'introduire. Tout est en ordre. Les minutes passent, peut-être même les heures... L'insomnie finit par avoir le dernier mot, j'allume ma lanterne et je me mets à l'écriture. Tu dois te demander si je ne suis pas en train de perdre la tête, mais pas du tout, je vais très bien, je ressens juste un peu de "saudade". Les nuits d'insomnie sont les plus propices à la réflexion. Mon corps n'en peut plus de

fatigue, mais mon cœur ne veut rien savoir et mes pensées sont toutes tournées vers toi et les enfants. Quelle "saudade"! Pour tromper mon cœur, j'ai décidé de t'écrire et de te conter les journées que j'ai passées avec mes amis dans la Serra do Ramalho.

Comme je te l'ai déjà dit, j'étais très curieux de connaître le village de Descoberto qui est une petite bourgade typique du "cerrado". Je suis certain que tu aimerais beaucoup. Dans le village, il n'y a en tout et pour tout qu'un seul téléphone public et les queues pour pouvoir l'utiliser sont décourageantes, les enfants ont un sourire pur de ceux que seul l'innocence de l'enfance est capable de prodiguer. La simplicité de la population et la rudesse de la terre et du climat se reflètent dans le visage de ces gens qui nous regardent avec curiosité. Tout paraît si pur, si beau. Il est certain que c'est mon état d'esprit qui me masque la réalité misérable de ce petit village. Peut-être que je devrais me poser la question de savoir pourquoi, même après de longues années et d'innombrables expéditions dans ces régions, je continue à m'émouvoir comme un néophyte lors de son premier voyage. Bien, en vérité, je n'en connais pas la raison mais il me semble que c'est à cause du

visage des enfants. Il est impossible de ne pas comparer la vie de nos enfants avec celle de ces petits babianais souriants. Même ainsi, et malgré les contrastes frappants, il m'est possible d'apercevoir dans leurs yeux la même lueur que celle qui brille dans les yeux de nos enfants, quelle "saudade"!

Mais comme je le disais, nous sommes allés dans une caverne: la Gruta do Sorvetão. Ne dis rien, non, l'idée ne vient pas de moi mais de Flavio. Le Sorvetão, pour ainsi dire, est une énorme stalagmite de presque 30 m qui se déploie au milieu d'une salle gigantesque. Celle-ci est entièrement éclairée par une entrée aussi spectaculaire que tout l'ensemble. Un véritable spectacle en soi, tu ne vas pas en croire tes yeux ! C'est si beau qu'Ezio a réussi à s'arrêter pendant 2 minutes pour en admirer toute la beauté, incroyable! La salle était grande, de celles qu'on ne sait jamais si on doit les topographier en contournant les parois ou en faisant des radiaux. Bien, étant donné que c'était moi qui tenait la boussole et qu'Adrien était au bout du décimètre, je ne pouvais plus chômer. La salle prolongeait son développement dans une galerie qui se trouvait à quelques bonnes encablures en contrebas. Toujours éclairée par la lumière



provenant de l'entrée, on pouvait distinguer nettement (hélas!) que le sol du conduit était entièrement recouvert par un plan d'eau. Comment dire, un eau un peu pourrie, nauséabonde, boueuse et parsemée de quelques corps non identifiés en décomposition. A part ça, je t'en donne ma parole, j'en aurais bu sans faire d'histoires. Je n'ai même pas besoin de te dire que s'il n'avait tenu qu'à nous, Flávio, Adrian et moi-même, nous n'aurions pas demandé notre reste et nous nous serions éloignés aussi sec de ces lieux si peu prometteurs. Qu'à cela ne tienne! Le chavue, je veux dire le sergent, Ezio quoi, s'est jeté à l'eau dans ce qu'il conviendrait de nommer plutôt une solution aqueuse et, malgré la forte opposition des supporters qui l'encourageaient vivement à laisser tomber, la galerie continuait... Ne renonçant nullement à notre idée première, nous lui avons alors demandé d'y jeter un coup d'oeil, histoire de voir si des fois elle ne s'arrêtait pas tout net quelques mètres plus loin, comme ça on aurait été sauvés. Mais non! Il nous fallut donc nous glisser à notre tour dans cette fange comme des poules mouillées et dégoûtées. Beeerqque!

Et eueusement comme toujours la bonn. humeur prévalut, les difficultés

s'aplanirent et nous avons alors eu la surprise de constater que la répugnante galerie commençait à avoir un certain charme et gagnait en amplitude. Elle se prolongeait en face et curieusement, un écho puissant et sonore s'évertuait à répéter nos blagues et nos mesures. D'une largeur moyenne de 3 à 4 mètres et d'une hauteur comprise entre 3 et 6 mètres, cette galerie dépourvue de concrétion se poursuivait avec son lit de boue profonde et son liquide aqueux jusqu'aux genoux, à la ceinture, à la poitrine, au cou, glou, glou.

Cependant en face, la galerie bifurquait. Or les caractéristiques des deux ramifications étaient identiques et uniques, ce qui ne fit qu'augmenter notre martyr puisque nous nous trouvions là depuis un bon moment déjà, progressant au milieu de la mélasse qui nous montait presque jusqu'aux genoux. Chaque pas nous demandait des efforts énormes. Au milieu de la boue et de l'écho le nom de la galerie surgit: Galeria do Ecolama. Malgré tout, nous nous divertissions beaucoup, et l'irrévérencieuse et insolite galerie nous dévoilait sa morphologie particulière jusqu'à ce que, dans son indésirable fin, nous trouvions la réponse au pourquoi de l'écho: un énorme et peut-être unique

spéléothème bloquait tout le conduit. Sans rencontrer le moindre obstacle, les ondes sonores voyageaient dans la galerie et venaient terminer leurs courses dans le spéléothème (le barrage de calcite) qui les renvoyait d'où elles étaient parties. Fantastique! Je

n'avais encore jamais été témoin d'une chose pareille. Le plus incroyable est que le même phénomène se reproduisait dans le conduit laissé derrière nous au croisement. Ce dernier se prolongeait sur quelques mètres avant de s'arrêter sur un siphon, mais l'exploration ne prenait pas fin pour autant. Nous avons parcouru environ 20 mètres dans un passage où un petit drainage refaisait surface. Cependant, le bon sens nous recommandait de rebrousser chemin. La grotte était bien plus vaste que nous ne le pensions, nous y avions passé beaucoup plus de temps que ce qu'il avait été prévu, nos réserves de carburant étaient épuisées et nous en aurions été réduits à poursuivre l'exploration en utilisant nos lampes de sécurité, ce qui n'est jamais très recommandé.

Nous avons donc pris la décision de sortir rapidement. Ce qui s'avéra catastrophique car s'il était déjà difficile de marcher dans la boue, y courir l'était plus encore. Je n'ai pas besoin d'ajouter que, en plus de nos jambes, nos langues aussi eurent droit au bouillon.

Mais pour finir, par chance nous avons pu quand même réchauffer nos corps sous le soleil de la "caatinga". Nous avons eu le temps de rencontrer le groupe qui topographiait le canyon du dehors et nous en avons même profité pour visiter une autre grotte avant la tombée de la nuit. Mais ceci est une autre histoire... Je te le raconterai quand je serai de retour.

Obs. La Gruta do Sorvetão avait déjà été en partie explorée par Joël Rodet (la salle principale et les galeries sèches) qui l'avait désignée Gruta n° 3 (O Carste, vol. 9, n° 3). Plus tard, il fut décidé de la baptiser Gruta do Salão do Morro Furado (voir la carte dans cette édition).



COS
o)
23L
3.961
m

ge
ológicas

